

«“Nosso coração tem uma necessidade última, imperiosa, profunda de realização, de verdade, de beleza, de bondade, de amor, de certeza final, de felicidade”. É verdade? E o que é capaz de corresponder a essas exigências do coração?»

«DEIXAR MARCAS NA HISTÓRIA DO MUNDO»

2. O acontecimento cristão como encontro

por Luigi Giussani*

Excepcional e com uma simpatia humana profunda

Mas como foi que os dois primeiros, João e André (é possível que André fosse casado e tivesse filhos), foram conquistados assim de imediato, e logo o reconheceram (“Encontramos o Messias”)? Há uma aparente desproporção entre a forma extremamente simples do ocorrido e a certeza desses dois. Se esse fato aconteceu, reconhecer aquele homem, quem era aquele homem – não completa e detalhadamente, mas em seu valor único e incomparável (“divino”) –, devia mesmo ser fácil. Por que era fácil reconhecê-lo? Em virtude de uma *excepcionalidade* incomparável. Eles tinham diante de seus olhos uma excepcionalidade incomparável: tinham entrado em contato com um homem excepcional, absolutamente incomum, que não era possível reduzir a nenhum tipo de análise.

Que significa “excepcional”? Quando é que algo pode ser definido como “excepcional”? Quando corresponde adequadamente às expectativas originais do coração, por mais confusa e nebulosa que possa ser a consciência. Paradoxalmente, o excepcional é que apareça aquilo que é mais “natural” para nós. E o que é “natural” para nós? Acontecer o que desejamos. Efetivamente, nada é mais natural que a satisfação completa do desejo último e profundo do coração, que a resposta às exigências que estão na raiz do nosso ser, pelas quais de fato vivemos e nos movemos. Nosso coração tem uma necessidade última, imperiosa, profunda de realização, de verdade, de beleza, de bondade, de amor, de certeza final, de felicidade; por isso, depararmos-nos com uma resposta a essas exigências deveria ser a coisa mais óbvia e normal. No entanto, essa correspondência, que deveria ser a normalidade suprema, torna-se para nós a excepcionalidade suprema. Deparar-se com algo absoluta e profundamente natural, ou seja, correspondente às exigências do coração que a natureza nos dá, é, por conseguinte, uma coisa absolutamente excepcional. Há uma espécie de estranha contradição: o que normalmente acontece nunca é verdadeiramente excepcional, pois não consegue responder de modo adequado às exigências do coração.

Logo, a excepcionalidade com que se apresenta a figura de Cristo é o que torna fácil re-»

* Do volume L. Giussani - S. Alberto - J. Prades
Deixar marcas na história do mundo,
Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2019, pp. 20-25

» conhecê-lo. Para João e André, aquele homem correspondia de um modo inimaginável às exigências irresistíveis e inegáveis do coração. Ninguém era como aquele homem: no encontro com ele, ocorria uma inimaginada, inimaginável, jamais experimentada correspondência ao coração. Que estupefação sem precedentes deve ter suscitado nos dois primeiros que o conheceram, e depois em Simão, em Filipe, em Natanael!

Não apenas reconhecê-lo foi fácil: era também extremamente fácil viver o relacionamento com ele. Bastava aderir à simpatia que gerava, uma *simpatia profunda*, semelhante à que a criança tem por sua mãe, vertiginosa e carnal, uma simpatia no sentido intenso do termo. A criança pode errar mil vezes por dia com sua mãe, mas aí se a levarem para longe da mãe! Se ela pudesse entender a pergunta “Você ama esta mulher?”, e pudesse responder a ela, imaginem que “sim” gritaria. Quanto mais tivesse errado, mais gritaria: “Sim, eu a amo”, para reafirmar aquela simpatia. Essa é a lógica do conhecimento e da moralidade, que a convivência com aquele homem tornava necessária: uma simpatia profunda. Aprender com a sua excepcionalidade era, portanto, uma simpatia última que se realizava.

2. O MÉTODO DE DEUS

Um acontecimento, não os nossos pensamentos

O primeiro capítulo do Evangelho de João ilustra a forma extremamente simples e profunda com que o cristianismo surgiu na história: um acontecimento humano que se propõe, o encontro com o fato de uma presença excepcional. Para André e João, o cristianismo, ou melhor, o cumprimento da Lei, da antiga promessa, cuja espera era a vida do povo judeu bom (como Ana, a profetisa,¹ o velho Simeão,² os pastores,³ descritos pelos primeiros capítulos de São Lucas), o Messias, Aquele que estava por vir e que o povo esperava, era um homem bem diante de seus olhos: eles o encontraram a sua frente, seguiram-no, foram a sua casa e lá ficaram aquela tarde inteira com ele, maravilhados, com a boca aberta, vendo-o enquanto falava. E na volta, quando disseram “encontramos o Messias”, repetiam com segurança palavras que tinham ouvido da boca dele. O cumprimento da grande promessa bíblica era um homem bem ali, diante de seus olhos. Não existe no dicionário palavra melhor que “acontecimento” para definir a forma como a “questão” se fez real, carnal, temporal. O cristianismo é “acontecimento”: algo que antes não existia e, de repente, apareceu. Não que André e João tenham dito: “O que se passou conosco é um acontecimento”. Evidentemente, não era necessário que explicitassem numa definição aquilo que lhes estava acontecendo: estava acontecendo mesmo!

O cristianismo é um acontecimento. Não existe outra palavra para indicar sua natureza: a palavra lei não serve, nem tampouco as palavras ideologia, concepção ou projeto. O cristianismo não é uma doutrina religiosa, uma série de leis morais, um conjunto de ritos. O cristianismo é um fato, um acontecimento: o resto é consequência.

A palavra “acontecimento”, portanto, é decisiva. Essa palavra indica o método escolhido e empregado por Deus para salvar o homem:⁴ Deus fez-se homem no seio de uma menina entre quinze e dezessete anos chamada Maria, no “seio santo, que ao Salvador do mundo »

¹ Cf. Lc 2,36-38.

² Cf. Lc 2,25-35.

³ Cf. Lc 2,8-20.

⁴ Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 148-154.

» albergue há sido”,⁵ como diz Dante. A *forma* como Deus entrou em relação conosco para nos salvar é *um acontecimento*, não um pensamento ou um sentimento religioso.⁶ Um fato que ocorreu na história revela quem é Deus e indica o que Deus quer do homem, o que o homem deve fazer em sua relação com Deus. Deus até poderia ter escolhido como caminho para se comunicar aos homens uma inspiração direta, de modo que cada um tivesse de seguir o que Deus sugerisse no seu pensamento e no seu coração. Um caminho como esse não seria em nada mais fácil e seguro, já que estaria sempre exposto à flutuação dos sentimentos e dos pensamentos. Mas a forma que Deus escolheu para nos salvar é um acontecimento, não os nossos pensamentos.⁷

Para a salvação do homem

O cristianismo é um acontecimento com que o eu se depara e que descobre ser-lhe “consanguíneo”;⁸ é um fato que revela o eu a si mesmo. “Quando encontrei a Cristo, descobri-me homem”,⁹ dizia o orador romano Mário Vitorino. O fato de o homem ser “salvo” significa que ele reconhece quem é, reconhece seu destino e sabe como conduzir seus passos na direção desse destino. E, como escreve Albert Camus, “não é à força de escrúpulos que alguém se torna um grande homem. A grandeza chega, se Deus quiser, como um belo dia”.¹⁰ É um acontecimento – a irrupção de uma novidade – o que dá início ao processo pelo qual o eu começa a tomar consciência de si, a levar em consideração o destino para o qual se encaminha, o caminho que vem percorrendo, os direitos que tem, os deveres que deve respeitar, sua fisionomia inteira. A dinâmica do acontecimento, por outro lado, caracteriza a forma como se dá o conhecimento em cada novo passo seu.¹¹ Sem “acontecimento”, não conhecemos nada novo, ou seja, nenhum novo elemento entra em nossa consciência. Afirma o crítico francês Alain Finkielkraut, numa entrevista sobre a atualidade de Péguy: “O acontecimento é algo que irrompe de fora, algo imprevisto. Esse é o *método supremo do conhecimento*. [...] É preciso devolver ao acontecimento a sua dimensão ontológica de *novo início*. É uma irrupção do novo, que quebra as engrenagens e dá início a um processo”.¹²

Conhecer é encontrar-se diante de algo novo, de algo estranho a si, que a pessoa não constrói, algo que quebra as engrenagens das coisas já estabelecidas, das definições já dadas. É o que observa Cesare Pavese: “É preciso uma intervenção exterior para mudar o rumo”.¹³

Por conseguinte, o acontecimento é capital em qualquer “descoberta”, para qualquer tipo de conhecimento.

Ora, esse Fato, o acontecimento dessa presença humana excepcional, apresenta-se como »

⁵ Dante Alighieri, “Paraiso”. Canto xxiii, vv. 104-105. In: Idem, *A divina comédia*. Trad. José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Edigraf, 1958.

⁶ Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 43-53.

⁷ Cf. Is 48,6-7.

⁸ Cf. 2Pd 1,4.

⁹ Cf. Mário Vitorino. “In Epistola ad Ephesios”, Liber secundus. In: *Marii Victorini Opera exegetica*, cap. 4, v. 14.

¹⁰ A. Camus, *Taccuini*, III (1951-1959). Milão: Bompiani, 1992, p. 34.

¹¹ Cf. as três premissas metodológicas (realismo, razoabilidade e incidência da moralidade sobre a dinâmica do conhecimento) em L. Giussani, *O senso religioso*. Jundiaí: Paco, 2017, pp. 17-58; Idem, *Si può (veramente?!) vivere così*. Milão: Rizzoli, 1996, pp. 58ss.

¹² A. Finkielkraut, “Tirarei Péguy do gueto”. Entrevista concedida a S. M. Paci. In: *30Dias*, n. 6, jun. 1992, pp. 52-55.

¹³ C. Pavese, *O ofício de viver*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 12.

» o método escolhido por Deus para revelar o homem a si mesmo, para despertá-lo a uma clareza definitiva a respeito de seus fatores constitutivos, para abri-lo ao reconhecimento de seu destino e sustentá-lo no caminho até esse destino, para torná-lo, na história, sujeito adequado de uma ação que carregue em si o significado do mundo. É esse acontecimento, portanto, que dá início ao processo pelo qual o homem toma consciência de si de maneira completa, toma consciência de sua inteira fisionomia, e começa a dizer *eu* com dignidade.

Deus tornou-se um acontecimento em nossa existência cotidiana, para que o nosso eu se reconheça com clareza, em seus fatores originais, e alcance seu destino, se salve. Foi assim para Maria e José. Foi assim para João e André, que se puseram a seguir Jesus graças à menção de João Batista. Deus entrava na vida deles como acontecimento. Dali em diante, quer nunca mais o tenham tirado da cabeça, quer o tenham esquecido de vez em quando, especialmente nos primeiros dias ou nos primeiros meses, toda a sua vida dependeu daquele acontecimento: na medida da sua importância, já não é possível voltar atrás de um acontecimento. Foi assim para eles. É assim para nós, hoje: um acontecimento pode assinalar um início e um caminho. O acontecimento pode assinalar um *método* de vida. Seja como for, é uma experiência que precisamos fazer. Esse caminho exige o compromisso do homem; exige que, tocado pelo acontecimento, o homem avance até encontrar o significado verdadeiro do que vislumbrou inicialmente: é um caminho do olhar.¹⁴

¹⁴ Cf. I. de la Potterie, “Guardare per credere”. Entrevista concedida a A. Socci. In: *Il Sabato*, n. 46, 14 de novembro de 1992, pp. 60-65.